ISSN 2446-4716

Eixo Temático ET-09-017 - Biologia Aplicada

LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO DE PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO NO MUNICÍPIO DE GARANHUNS, PE

Nabuêr Francieli da Silva[1], Gisele Nayara Bezerra da Silva[2], Kaliana Mendes da Silva[3], Maria Emília Brito da Silva[2], Renatha Claudia Barros Sobreira de Aguiar[1], Yhasminie Karine da Silva[1], Ivone Antonia de Souza[4], Rosângela Estevão Alves Falcão[5]

[1]Mestrandas do Programa de Pós-graduação em Morfotecnologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE; [2]Pós-Graduanda no curso de Especialização em Saúde Pública pela Universidade de Pernambuco – *Campus* Garanhuns/PE; [3]Graduanda no Curso de Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco, *Campus* Garanhuns/PE/; [4]Profª. Drª UFPE, Recife/PE; [5]Profª. Drª UPE, Garanhuns/PE.

RESUMO

O presente estudo aborda um levantamento etnobotânico realizado na comunidade quilombola do Estrela, no município de Garanhuns-PE, no período entre março e novembro de 2014, sobre o uso terapêutico de plantas medicinais naquela comunidade. As informações etnobotânicas foram obtidas através da aplicação de formulário semiestruturado com os moradores contendo características em relação aos usos terapêuticos das plantas. A pesquisa foi realizada após o parecer da admissão do projeto junto ao comitê de ética, em cumprimento as exigências legais (CAAE No. 24906014.9.0000.5207). Foram citadas 40 espécies medicinais distribuídas por 24 famílias botânicas, as partes das plantas mais utilizadas foram as folhas e as cascas, seguidas pelas raízes; as indicações terapêuticas mais citadas foram dor, seguida por gripe e inflamação. O modo de preparo que mais predominou foi o chá, seguido por chá e/ou banho; as principais formas de uso dos remédios foram por ingestão e ingestão e/ou tópico. Os resultados encontrados demonstraram que a população estudada detém vasto saber sobre a utilização das plantas, sendo frequente o seu uso na comunidade quilombola estudada. A validação do potencial terapêutico da flora medicinal, por meio de ensaios biológicos em laboratório, a partir de registros etnobotânicos, constitui uma grande ferramenta na busca de agentes bioativos viabilizando o desenvolvimento de inúmeros estudos, e ampliando desta maneira a possibilidade de êxito na seleção de plantas para a descoberta de metabólitos com ação farmacológica.

Palavras-chave: População; Plantas; Metabólitos.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas pelo homem para os mais diversos fins, sempre esteve presente nos registros que permeiam o desenvolvimento das civilizações. Através das experiências empíricas com planta, o homem adquiriu informações sobre o seu uso, quais eram comestíveis e quais poderiam ser utilizadas como medicamentos, além daquelas que eram venenosas oferecendo-lhe riscos e que, portanto deveriam ser evitadas. O primeiro estudo sistemático com plantas medicinais ocorreu em cerca de 2.700 a.C, no período do império Shennung, o estudo realizado selecionou cerca de 365 drogas dentre as quais destacam-se as espécies *Ephedra*, *Ricinus communis* e *Papaver*

ISSN 2446-4716

somniferum. As mesmas fornecem respectivamente as seguintes substâncias: efedrina, óleo de rícino e morfina, sendo utilizadas até os dias atuais. Algumas espécies como *Mandragora officinarun* (mandrágora), *Atropa beladona* (beladona) e *Hyoscymus niger* (meimendro), já eram utilizadas como plantas medicinais na Idade Antiga tornando-se uma prática milenar, evidenciando deste modo a importância das plantas medicinais desde os primórdios da civilização e perdurando até os dias de hoje (DAVID; DAVID, 2010).

De acordo com a 31ª Assembleia da Organização Mundial da Saúde, planta medicinal é "aquela que administrada ao homem ou a animais, por qualquer via ou sob qualquer forma, exerce alguma ação farmacológica" (BIANCHI, 2012).

O Brasil é detentor de uma biodiversidade florística classificada como a maior do planeta, com mais de 120 mil espécies de plantas (LIMA-SARAIVA, 2015), e que ainda não foi potencialmente estudada, sendo um grande número das espécies vegetais ainda desconhecidas, assim como suas possíveis propriedades farmacológicas, outras são extintas sem ao menos terem a chance de serem conhecidas e assim estudadas ou pesquisadas. Segundo dados oficiais do governo publicados em 2015, estima-se que aproximadamente 18% da Amazônia brasileira já tenham sido desmatados, área que corresponde aos territórios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo (GREENPEACE, 2015; WWF, 2015).

Estudos indicam que das espécies vegetais ainda não pesquisadas e encontradas nas florestas tropicais, podem ser obtidos aproximadamente 330 novos fármacos (DAVID e DAVID, 2010). De maneira alguma, portanto, podemos considerar as fontes vegetais como estagnadas quanto a possíveis descobertas e fontes de novos fármacos. Embora o Brasil seja detentor de tamanha riqueza, dados mostram como é grande a sua dependência externa, o mesmo importa 84% dos fármacos em circulação (ARAUJO e SOUZA, 2007), o que nos demonstra a necessidade de pesquisas internas nesta área para exploração sustentável de seus recursos.

Umas das vias mais vantajosas, para a busca de substâncias ativas em plantas é a sua investigação em vegetais de uso medicinal. Por serem plantas cuja ação terapêutica sobre determinadas patologias já nos é conhecida, merecem um olhar especial e investigativo no campo da pesquisa sobre a presença das possíveis substâncias biotivas envolvidas no tratamento de doenças na medicina tradicional ou popular. A investigação e o isolamento dos constituintes ativos responsáveis pela ação terapêutica possibilitariam uma via importantíssima para o descobrimento de biomoléculas, e o desenvolvimento e síntese de fitoterápicos, fitofármacos e fonte de novos fármacos (FILHO e YUNES, 1998).

A preservação cultural do conhecimento botânico medicinal torna-se essencial, portanto, devido a sua importância e resgate que pode ser feito pela Ciência do conhecimento terapêutico adquirido pelos povos que dele fazem uso, através da sua utilização no tratamento e prevenção de suas enfermidades entre as gerações. As possibilidades de compostos com ação farmacológica na medicina tradicional são imensas: a partir de 90 espécies de plantas foram extraídas cerca de 119 substâncias químicas, sendo que ambas são usadas pela medicina e no mundo e 77% dessas são derivadas de plantas usadas na medicina tradicional (FRÖHLICH *et al.,* 2010), este exemplo é claro e nos mostra o quanto podem ser incomensuráveis as propriedades farmacológicas da flora medicinal.

ISSN 2446-4716

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo apresentar um levantamento das plantas medicinais encontradas e utilizadas, bem como identificar os seus usos terapêuticos na comunidade quilombola do Estrela, no Município de Garanhuns-PE.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada na zona rural do município de Garanhuns, região do agreste pernambucano, na comunidade quilombola do Estrela no período entre março e novembro de 2014, investigando-se o uso terapêutico de plantas medicinais na comunidade. As informações etnobotânicas foram obtidas através da aplicação de formulário semiestruturado com os moradores contendo características em relação aos usos terapêuticos das plantas. Foram selecionados os moradores de mais idade para participação no estudo, por deter maior conhecimento do assunto entrevistado, afim de se garantir a integridade e veracidade dos dados obtidos na entrevista, dado que é concreta a perda do conhecimento tradicional existente sobre o uso medicinal das plantas nas gerações mais jovens em consequência da inserção de novos elementos a cultura tradicional local. A pesquisa foi realizada após o parecer da admissão do projeto junto ao comitê de ética, em cumprimento as exigências legais (CAAE nº 24906014.9.0000.5207).

A escolha para seleção da comunidade estudada partiu do pressuposto histórico do uso predominante de plantas medicinais por comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas), utilizando-se os seguintes critérios para seleção da mesma: grande utilização das plantas medicinais na comunidade e cultivo dessas ervas medicinais em suas localidades (residências).

As espécies medicinais selecionadas a partir das entrevistas foram coletadas através do auxílio dos informantes, que as identificaram vernaculamente em campo. O material botânico coletado foi levado para o laboratório de biotecnologia da Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Garanhuns, para identificação prévia da espécie por meio de consulta de material bibliográfico especializado como artigos de periódicos, dissertações, teses e capítulos de livros, nacionais e internacionais, indexados em bases eletrônicas, tais como o Scielo e o Google Acadêmico. Posteriormente, foram produzidas exsicas das partes reprodutivas das plantas, conforme assinala Mentz e Bordignon (2010) e após o preparo as exsicatas foram enviadas para o Instituto Agronômico de Pernambuco para confirmação da espécie.

Para análise dos dados obtidos na pesquisa em campo foi calculada a frequência relativa dos mesmos no Programa do Microsoft Excel 2010, adotando-se os seguintes critérios para o cálculo da frequência relativa das variáveis selecionadas nas entrevistas: para a frequência de citação da família botânica, calculou-se o número total de espécies da mesma família, citadas pelos informantes; frequência relativa das indicações terapêuticas, calculou-se o número de vezes que determinada indicação foi citada para o tratamento da afecção; frequência da parte do vegetal utilizada, calculou-se o número total de vezes que determinada parte foi citada para o preparo dos remédios, frequência do modo de preparo dos remédios, calculou-se o número total de vezes que determinada preparação foi citada; frequência relativa do modo de uso, calculou-se o número total de vezes que determinado modo de uso foi citado para preparação dos remédios.

ISSN 2446-4716

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas entrevistas realizadas foram coletadas e identificadas 40 plantas de uso medicinal (Tabela 1). A família botânica que teve o maior número de espécies citadas nessa comunidade foi a Lamiaceae, seguida pela Fabaceae (Figura 1).

Tabela 1. Relação de espécies medicinais utilizadas pela comunidade quilombola do Estrela no Município de Garanhuns-PE, 2014.

Nome científico	Nome popular	Família	Indicação (s) terapêutica (s)	Parte (s) usada (s)	Modo (s) de preparo (s)	Forma (s) de uso (s)
Allium cepa L.	Cebola branca	Liliaceae	Gripe	Raízes	Lambedor	Ingestão
Alpinia zerumbet (Pers.) Burtt et Smith	Colônia	Zingiberaceae	Dor, problemas cardíacos	Folhas	Chá e/ou banho	Ingestão e/ou tópico
Borreria verticillata	Vassourinha -de-botão	Rubiaceae	Sangramento, intoxicação	Folhas	Chá e/ou banho	Ingestão e/ou tópico
Byrsonima crassifólia (L.) Rich	Murici	Malpighiaceae	Hematomas	Cascas	Colocar na água fria	Ingestão
Caesalpinia ferrea Mart.	Jucá	Fabaceae	Inflamação, hematomas, dor	Cascas	Chá	Ingestão
Chenopodium ambrosioides L.	Mastruz	Amaranthacea	Dor	Folhas e/ou raiz	Chá	Ingestão e/ou tópico
Citrullus vulgaris Schrad.	Melancia	Cucurbitaceae	Febre	Sementes	Chá	Ingestão
Citrus sinensis	Laranjeira	Rutaceae	Calmante	Folhas	Chá	Ingestão
Croton argyrophylloides Muell.	Sacatinga	Euphorbiaceae	Inflamação	Raízes	Chá	Ingestão
Cymbopogon citratus	Capim Santo	Poaceae	Pressão alta, dor de barriga	Folhas	Chá	Ingestão
Dorstenia brasiliensis Lam.	Contra-erva	Moraceae	Gripe	Flores	Chá	Ingestão
Duguetia lanceolata St. Hil	Pindaíba	Annonaceae	Dor	Folhas	Chá	Ingestão
Eucalyptus urophylla	Eucalipto	Myrtaceae	Febre	Folhas	Chá e/ou banho	Ingestão e/ou tópico
Genipa americana L.	Jenipapo	Rubiaceae	Osso	Folhas e/ou frutos	Sumo	Tópico
Hymenaea courbaril L. var.	Jatobá	Fabaceae	Pneumonia	Cascas	Lambedor	Ingestão
Hyptis pectinata L.	Sambacaitá	Lamiaceae	Inflamação	Folhas	Chá	Ingestão e/ou tópico
Justicia pectoralis	Anador	Acanthaceae	Dor	Folhas	Chá	Ingestão
Lantana camara L.	Chumbinho	Verbenaceae	Gripe	Raízes	Chá	Ingestão
Laurus nobilis L.	Louro	Lauraceae	Dor, gripe	Folhas	Chá e/ou banho	Ingestão e/ou tópico

ISSN 2446-4716

Lippia alba (Mill.) N.E Br.	Erva-cidreira	Verbenaceae	Febre	Folhas	Chá	Ingestão
Mentha piperita L.	Hortelã miúda	Lamiaceae	Gastrite, gripe	Folhas	Chá	Ingestão
Morus nigra	Amora	Moraceae	Diabetes, colesterol	Folhas	Chá	Ingestão
Myracrodruon urundeuva (Engler) Fr. Allemão	Aroeira	Anacardiaceae	Inflamação	Cascas	Chá	Ingestão
Ocimum basilicum	Manjericão	Lamiaceae	Gripe	Folhas	Chá e/ou banho	Ingestão e/ou tópico
Passiflora foetida L.	Maracujá de estalo	Passifloraceae	Dor de dente	Cascas	Chá	Ingestão
Persea americana	Abacate	Lauraceae	Rins	Folhas	Chá	Ingestão
Petiveria alliacea	Tipí	Phytolacaceae	Reumatismo	Folhas	Sumo	Tópico
Peumus boldus Molina	Boldo do Chile	Monimiaceae	Dor de barriga	Folhas	Chá	Ingestão
Phyllanthus niruri L.	Quebra-pedra	Euphorbiaceae	Dores na coluna, inflamação, doenças renais	Planta inteira	Chá	Ingestão
Piptadenia rígida Benth.	Angico	Fabaceae	Inflamação	Cascas	Chá	Ingestão
Plectranthus amboinicus (Lour) Spreng.	Hortelã grande	Lamiaceae	Gripe	Folhas	Chá	Ingestão
Psidium guajava	Goiaba branca	Myrtaceae	Vômito	Folhas	Chá	Ingestão
Punica granatum L.	Romã	Punicaceae	Inflamação na garganta.	Cascas do fruto	Chá	Ingestão
Ricinus communis L.	Carrapateira	Euphorbiaceae	Dores de cabeça	Cascas	Sumo	Tópico
Rosmarinus officinalis	Alecrim	Lamiaceae	Dor de dente	Folhas	Chá	Ingestão
Ruta graveolens	Arruda	Rutaceae	Dor	Folhas	Chá	Ingestão
Sambucus nigra L.	Sabugueiro	Caprifoliaceae	Gripe	Flores	Chá	Ingestão
Sechium edule	Chuchu	Cucurbitaceae	Pressão alta	Folhas	Chá	Ingestão
Solanum paniculatum L.	Jurubeba	Solanaceae	Tosse	Raízes e/ou frutos	Chá	Ingestão
Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville	Barbatimão	Fabaceae	Inflamação	Folhas	Chá	Ingestão

Em relação aos usos terapêuticos, observou-se que a maioria das plantas citadas pelos informantes eram indicadas para o tratamento de dor, seguida por gripe e inflamação (Figura 2).

Verificou-se que as folhas foram as partes do vegetal mais utilizada para o preparo dos remédios, seguida das cascas e raízes (Figura 3).

ISSN 2446-4716

Quanto a forma de uso das plantas observou-se que as principais formas de uso dos remédios foram por ingestão e ingestão e/ou tópico (Figura 4).

O modo de preparo que mais predominou foi o chá, seguido por chá e/ou banho (Figura 5). Esse resultado corrobora com o estudo etnobotânico realizado por Costa e Marinho (2016), os mesmos discorrem negativamente sobre a predominância do dado encontrado, pois associam o uso de chá nas comunidades como uma prática alimentar, não sendo considerada uma forma medicamentosa. Desta forma, a maior ocorrência de chá, como forma de preparo dos remédios pode indicar um indício de que o conhecimento etnobotânico na área estudada pode estar sofrendo influência de fatores externos a comunidade, defendem os pesquisadores. Assim, é evidente a necessidade da preservação desse conhecimento empírico transmitido entre as gerações, podendo o mesmo servir como base para inúmeros estudos.

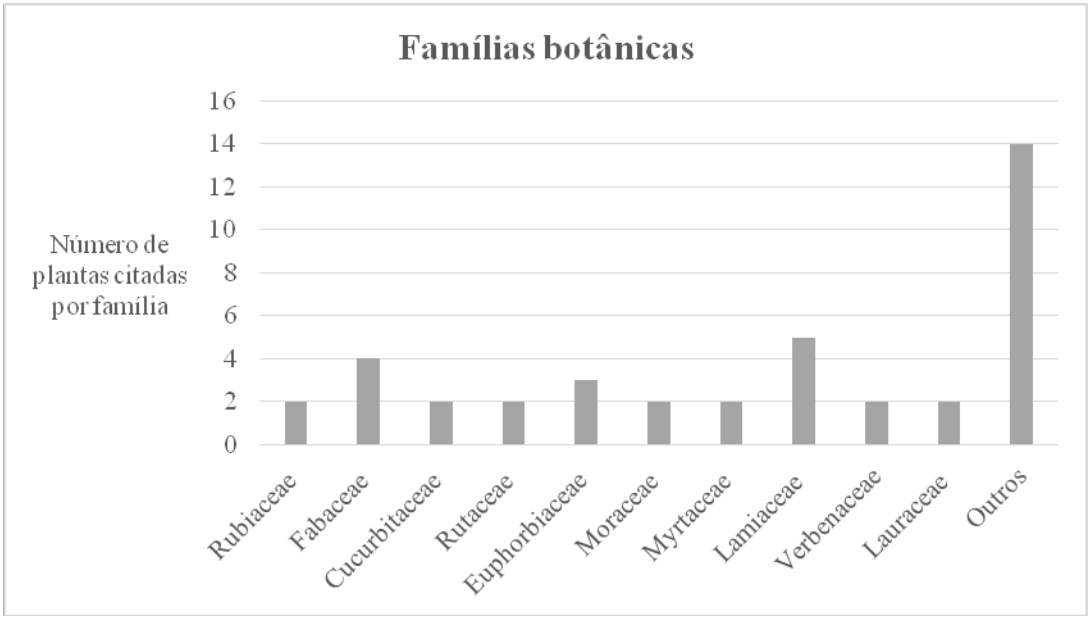

Figura 1. Relação do número de espécies medicinais citadas por família botânica

ISSN 2446-4716

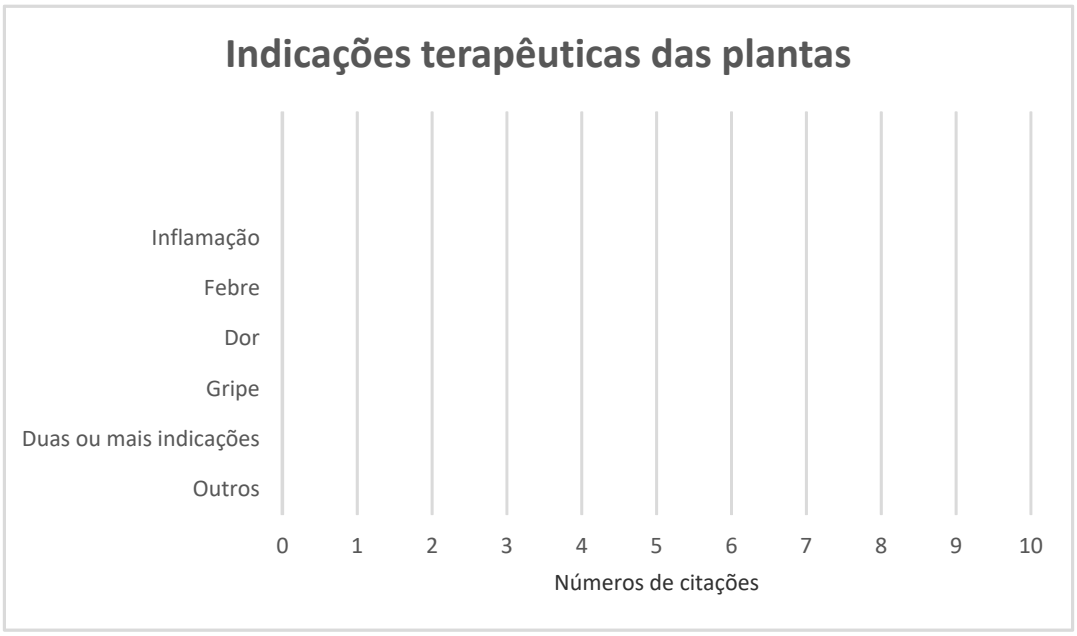

Figura 2. Relação do número de indicações terapêuticas citadas pelos moradores.

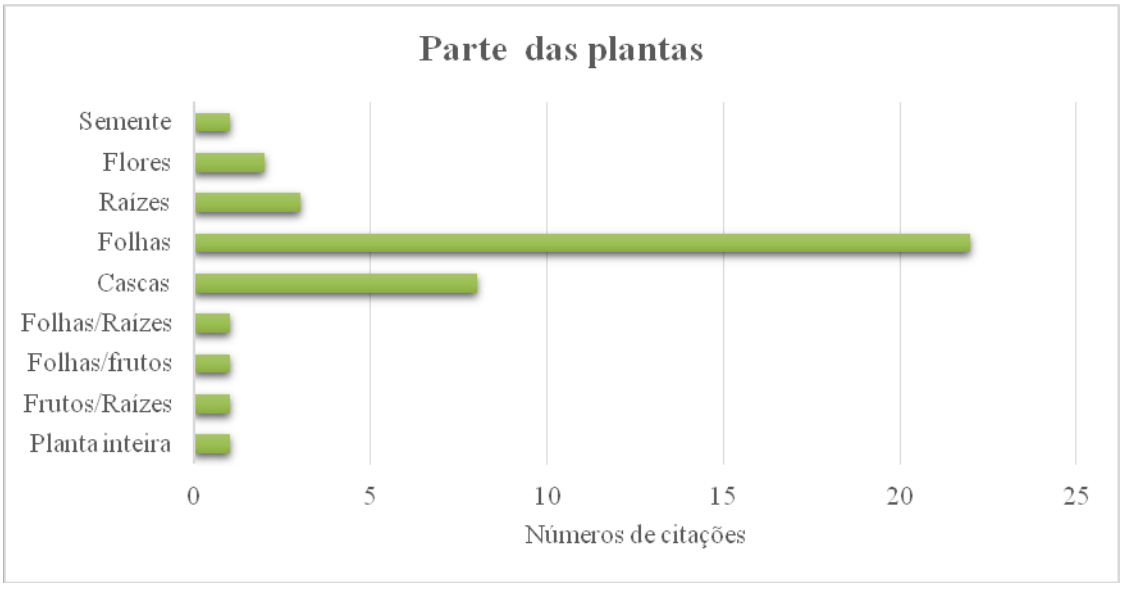

Figura 3. Relação das partes das plantas utilizadas como remédios pelos moradores.

ISSN 2446-4716

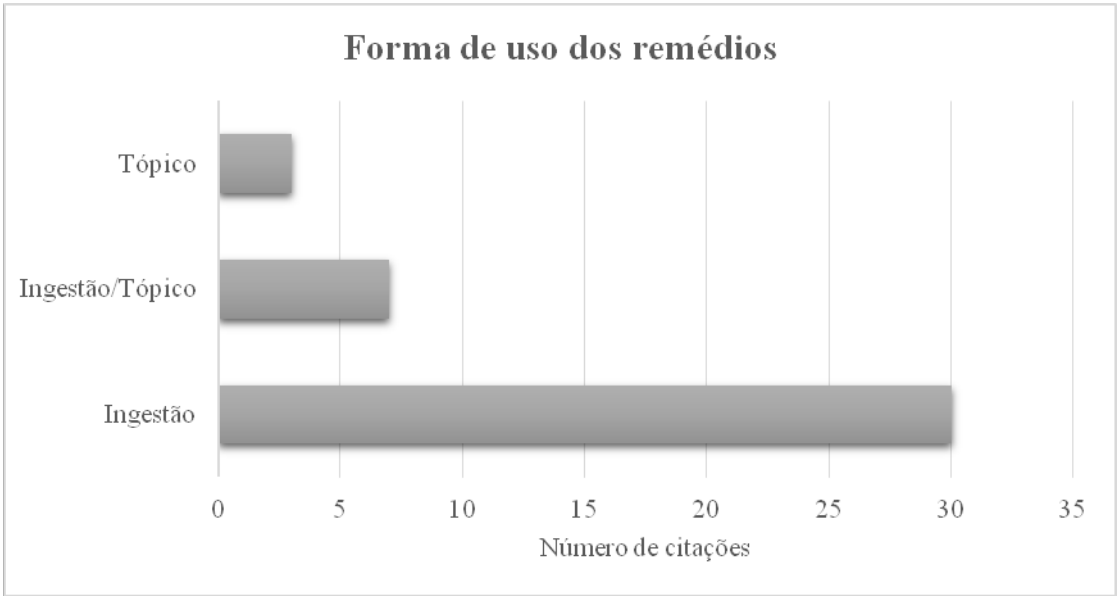

Figura 4. Relação da forma de uso das plantas citadas pelos moradores.

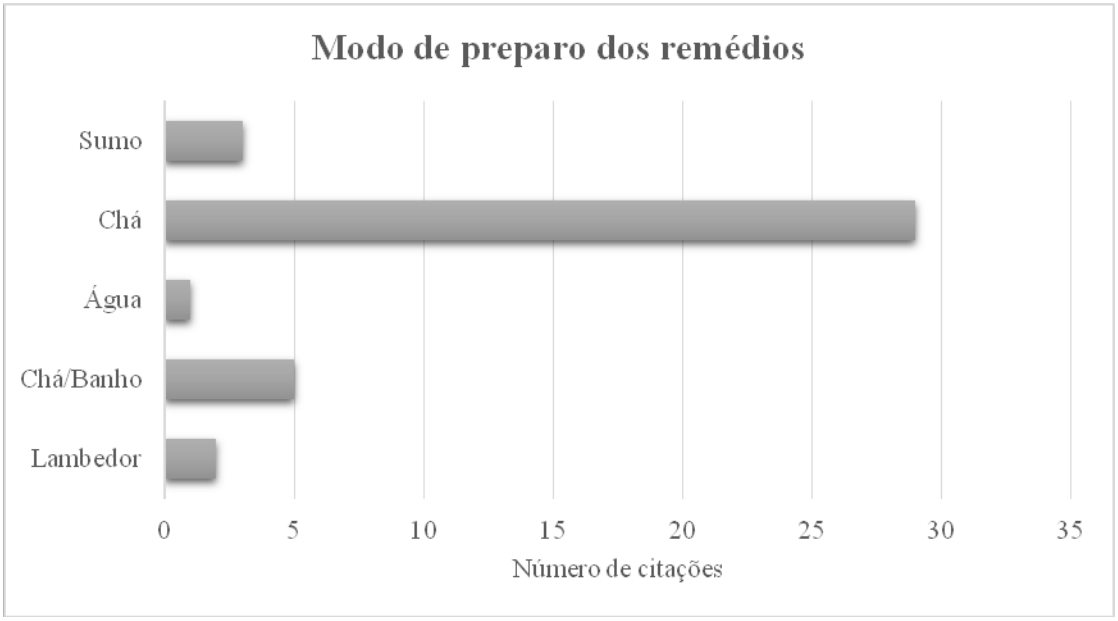

Figura 5: Relação do modo de preparo dos remédios citadas pelos moradores.

CONCLUSÕES

Os resultados encontrados demonstraram que a população estudada detém vasto saber sobre a utilização das plantas, sendo frequente o seu uso na comunidade quilombola. A validação do potencial terapêutico da flora medicinal, por meio de ensaios biológicos em laboratório, a partir de registros etnobotânicos, viabiliza o desenvolvimento de inúmeros estudos ampliando a possibilidade de êxito, por exemplo,

para seleção de plantas na descoberta de metabólitos com ação farmacológica. Assim, o atual estudo vem colaborar e servir como base para o desenvolvimento de futuros estudos nas diversas áreas do conhecimento, entre elas a etnofarmacologia.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores da comunidade quilombola do Estrela pela disponibilidade em nos atender nas visitas realizadas, pelo valiosíssimo conhecimento empírico compartilhado colaborando com o presente estudo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, R. O.; SOUZA, I. A. Estudos farmacológicos gerais e avaliação das atividades atitumoral e antimicrobiana do extrato etanólico das sementes do *Foeniculum vulgare* Mill. In: XV Congresso de Iniciação Científica da UFPE, 2007. Anais Eletrônicos. Disponível em: <http://www.contabeis.ufpe.br/propesq/images/conic/2007/CONIC_JOIC_2007%20(E)/conic/n_pibic/20/21019.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2017.

BIANCHI, R. V. **Farmácia da natureza: um modelo eficiente de farmácia viva**. 2012. 55f. Monografia (Especialização) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de tecnologia em fármacos. Rio de Janeiro.

COSTA, J. C.; MARINHO, M. G. V. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med**., v. 18, n. 1, p. 125-134, 2016.

DAVID, J. P. L.; DAVID, J. M. Plantas medicinais, fármacos derivados de plantas. In: SILVA, P. **Farmacologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

FROHLICH, J. K. et al. Compostos isolados de *Jatropha isabelli* (Muell Arg.) com atividade gastroprotetora. **Saúde (Santa Maria)**, v. 36, n. 2, p. 19-28, 2010.

GREENPEACE, Brasil. Amazônia/ Patrimônio brasileiro, futuro da humanidade. Disponível em: http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Oquefazemos/Amazonia/?gclid=CjwKEAiAtf6zBRDS0oCLrL37gFUSJACr2JYbAbsivTeER8tx1ZX5zbeClGCbgjoPuvmV3uSDVPhoCjfXw_wB>. Acesso em: 27 fev. 2017.

LIMA-SARAIVA, S. R. G. et al. A implantação do programa de medicinais e fitoterápicos no sistema público de saúde no brasil: uma revisão de literatura. **Revipi**, v. 1, n. 1, 2015.

MENTZ, L. A.; BORDIGNON, S. A. L. Nomenclatura botânica, classificação e identificação de plantas medicinais. In: SIMÕES, M. O. et al. **Farmacognosia**: da planta ao medicamento. 6. ed. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis, UFSC, 2010.

WWF, Brasil. **Desmatamento**. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/ameacas_riscos_amazonia/desmatamento_na_amazonia>. Acesso em: 27 fev. 2017.

YUNES, R. A. et al. Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil. **Quim. Nova**, v. 24, n. 1, p. 147-152, 2001.